

A ORIENTAÇÃO POLÍTICA DO CONHECIMENTO*

Harold D. Lasswell †

A ênfase no método
 As consequências da Depressão e da Guerra
 Conhecimento para quê?
 A escolha dos problemas fundamentais
 O uso de modelos
 O esclarecimento das metas
 As ciências políticas da democracia
 A percepção do tempo
 O espaço inclui o globo
 Constructos para o desenvolvimento: A revolução mundial de nosso tempo
 O foco no problema
 A construção de instituições
 Os cientistas sociais não são os únicos a contribuírem para as ciências da política

Entre as duas guerras mundiais, as ciências sociais e psicológicas do país deram ênfase ao aprimoramento do método, em especial do método quantitativo. Daí resultou uma elevação geral do nível de competência na realização das observações primárias e no processamento dos dados. Há, recentemente, uma tendência de considerar o método, preferencialmente, como “favas contadas”, como algo dado como certo e indiscutível, e colocar a ênfase na aplicação do método aos problemas que prometem dar uma contribuição para a política, pública ou privada. Podemos pensar que as ciências da política são disciplinas interessadas na explicação do processo de *policy-making* e execução das políticas como também na localização dos dados e na provisão de interpretações que são relevantes para os problemas políticos de um certo período. A abordagem da política não implica que se deva dissipar a energia numa miscelânea de questões meramente tópicas, mas antes que se deve lidar com os problemas fundamentais e muitas vezes negligenciados que surgem na inclusão e no ajustamento do ser humano à sociedade. A abordagem da política não significa que o cientista abandone a objetividade na coleta ou na interpretação dos dados, ou que deixe de aperfeiçoar os seus instrumentos de pesquisa. A ênfase da política requer a escolha de problemas que irão contribuir para os valores inerentes nas metas do cientista e para o uso de escrupulosa objetividade e máxima engenhosidade técnica na execução dos projetos empreendidos. A estrutura de referência da política (*policy frame of reference*) torna necessário que se tome em conta todo o contexto dos eventos significativos (passado, presente e futuro) em que o cientista vive.

***Fonte:** Lasswell, Harold D. The Policy Orientation. In: Lerner, Daniel & Harold D. Lasswell (Org.). *The policy Sciences; Recent Developments in Scope and Method*, p. 3-15, 1951. Stanford, CA: Stanford University Press.

† (13 de fevereiro de 1902 – 18 de dezembro de 1978)

Tradução: Francisco G. Heidemann - Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Isso requer a utilização de modelos especulativos do processo revolucionário mundial da época e coloca as técnicas de quantificação numa posição respeitada, embora subordinada. Por causa da instabilidade de sentido dos índices disponíveis para dar definição operacional aos termos-chave, é particularmente importante criar ou desenvolver instituições especializadas com a função de observar e relatar os desenvolvimentos mundiais. Isso permite a pré-testagem de mudanças possíveis na prática social, antes que elas sejam introduzidas em escala generalizada. É provável que a orientação para a política nos EUA dirigir-se-á no sentido de providenciar o conhecimento essencial para o aprimoramento da prática da democracia. Numa palavra, a ênfase especial recaí sobre as ciências políticas da democracia, em que a realização da dignidade humana, em termos teóricos e práticos, é o seu objetivo derradeiro.

Palavras-chave: política pública; pesquisa em política pública; análise de políticas públicas; orientação política; orientação política do conhecimento.

LA ORIENTACIÓN POLÍTICA DEL CONOCIMIENTO

Entre las dos guerras mundiales, las ciencias sociales y psicológicas del país pusieron énfasis en el perfeccionamiento del método, en particular del método cuantitativo. De ello resultó una elevación general del nivel de competencia en la realización de observaciones primarias y en el procesamiento de datos. Recientemente, se observa una tendencia a considerar el método preferentemente por sentado, como algo cierto e indiscutible, y a colocar la énfasis en la aplicación del método a problemas que prometen aportar contribuciones significativas a la política, tanto pública como privada. Podemos concebir que las ciencias políticas son disciplinas interesadas en la explicación del proceso de elaboración y ejecución de políticas (policy-making), así como en la localización de datos y en la provisión de interpretaciones relevantes para los problemas políticos de un período determinado. El enfoque orientado a la política no implica que deba dispersarse la energía en una miscelánea de cuestiones meramente tópicas, sino más bien que se debe abordar los problemas fundamentales, muchas veces descuidados, que surgen en la inclusión y en el ajuste del ser humano a la sociedad. Adoptar una perspectiva política no significa que el científico deba renunciar a la objetividad en la recolección o interpretación de los datos, ni que deba dejar de perfeccionar sus instrumentos de investigación. Más bien, la orientación hacia la política requiere la selección de problemas que contribuyan a los valores inherentes a los objetivos del científico, y la utilización de una objetividad escrupulosa y de la máxima ingeniosidad técnica en la ejecución de los proyectos emprendidos. El marco de referencia político (policy frame of reference) exige tener en cuenta todo el contexto de los eventos significativos —pasados, presentes y futuros— en los cuales vive el científico. Esto requiere la utilización de modelos especulativos del proceso revolucionario mundial contemporáneo y coloca a las técnicas de cuantificación en una posición respetada, aunque subordinada. Debido a la inestabilidad semántica de los indicadores disponibles para definir operativamente los términos clave, resulta particularmente importante crear o desarrollar instituciones especializadas cuya función sea observar y reportar los desarrollos mundiales. Esto permite la preevaluación de posibles cambios en la práctica social antes de que se introduzcan a gran escala. Es probable que la orientación hacia la política en los Estados Unidos se dirija hacia la provisión del conocimiento esencial para el perfeccionamiento de la práctica democrática. En una palabra, la atención especial recae sobre las ciencias políticas de la democracia, en las cuales la realización de la dignidad humana, tanto en términos teóricos como prácticos, constituye su objetivo último.

Palabras clave: política pública; investigación em política pública; análisis de políticas públicas; orientación política del conocimiento.

THE POLICY ORIENTATION

Between the two world wars, American social and psychological sciences emphasized the improvements of method, especially quantitative method. There resulted a general raising of the level of competence in the making of primary observations and in the processing of data. Recently there is a tendency to take method more for granted and to put the accent upon applying method to problems that promise to make a contribution to policy. We can think of the policy sciences as the disciplines concerned with explaining the policy-making and policy executing process, and with locating data and providing interpretations which are relevant to the policy problems of a given period. The policy approach does not imply that energy is to be dissipated on a miscellany of merely topical issues, but rather that fundamental and often neglected problems which arise in the adjustment of man in society are to be dealt with. The policy approach does not mean that the scientist abandons objectivity in gathering or interpreting data, or ceases to perfect his tools of inquiry. The policy emphasis calls for the choice of problems which will contribute to the goal values of the scientist, and the use of scrupulous objectivity and maximum technical ingenuity in executing the projects undertaken. The policy frame of reference makes it necessary to take into account the entire context of significant events (past, present, and prospective) in which the scientist is living. This calls for the use of speculative models of the world revolutionary process of the epoch, and puts the techniques of quantification in a respected though subordinate place. Because of the instability of meaning of the indexes available to give operational definition to key terms, it is particularly important to develop specialized institutions to observe and report world developments. This permits the pretesting of possible changes in social practice before they are introduced on a vast scale. It is probable that the policy-science orientation in the United States will be directed toward providing the knowledge needed to improve the practice of democracy. In a word, the special emphasis is upon the policy sciences of democracy, in which the ultimate goal is the realization of human dignity in theory and fact.

Keywords: public policy; policy research; policy analysis; policy orientation.

INTRODUÇÃO

A crise persistente de segurança nacional em que vivemos exige o uso com máxima eficiência da mão de obra, das instalações e dos recursos de nosso povo. O talento altamente treinado é sempre escasso e caro. Por isso, a crise nos coloca o problema da utilização de nossos recursos intelectuais com a mais sábia gestão econômica. Se julgarmos que importa atender às nossas necessidades atinentes à política (*policy*), quais são os tópicos de pesquisa que mais valem a pena perseguir? Que tipos de mão de obra e de instalações devem ser alocados às agências oficiais e às agências privadas para o prosseguimento da pesquisa? Que métodos são mais promissores para o levantamento dos fatos e a interpretação de seu significado para a política, pública ou privada? Como podemos tornar efetivos os fatos e as interpretações no próprio processo da tomada de decisão?

Embora a importância dessas questões seja acentuada pela urgência da defesa nacional, elas não são, em qualquer sentido, coisas novas. Durante muitos anos, os círculos intelectuais têm se preocupado intensamente com o problema da superação das tendências divisionistas da vida moderna e da promoção de uma integração mais plena das metas e métodos da ação pública e privada. O ritmo de especialização na filosofia, na ciência natural, na biologia e nas ciências sociais tem acontecido de um modo tão rápido que os colegas de docência de uma universidade qualquer, ou mesmo os membros de um ou de outro departamento universitário, muitas vezes se queixam de que não conseguem se entender uns com os outros. A unidade da vida intelectual e a harmonização da ciência e prática têm sido minadas por essas forças “centrífugas”.

Durante vários anos, novas tendências, no sentido de uma integração, vêm ganhando força no país. Nas faculdades de Belas Artes, o sistema eletivo vem abrindo caminho para um currículo mais preciso e rigoroso e foram criadas disciplinas de pesquisa para introduzir o estudante em campos mais amplos de conhecimento e para preparar o terreno para uma visão do todo, global. No que toca à pesquisa, foram constituídas equipes de especialistas para trabalhar em problemas comuns, movidos pela expectativa de neutralizar os efeitos deletérios de uma atomização excessiva do conhecimento. No campo da política, deu-se uma maior atenção ao planejamento e ao aperfeiçoamento da informação sobre a qual se baseiam as decisões operacionais e o estafe. Tornamo-nos mais conscientes do processo político como objeto adequado por seu próprio direito, na esperança de aprimorar, sobretudo, a racionalidade do fluxo da decisão.

É cortando caminho através das especializações existentes que a orientação para a política vem se desenvolvendo. A orientação tem foco duplo. Em parte, dirige-se para o processo da política e, em parte, volta-se para as necessidades de inteligência da política. A primeira tarefa – que consiste no desenvolvimento de uma ciência da formação e da execução de políticas –

emprega os métodos da pesquisa psicológica e da pesquisa social. A segunda – que consiste no melhoramento do conteúdo concreto das informações e das interpretações disponíveis aos *policy-makers* – tipicamente extrapola, ou vai além das fronteiras da ciência social e da psicologia.

Por isso, na medida em que a orientação para a política tem foco no estudo científico da política, ela é mais limitada do que as ciências psicológicas e sociais, que têm muitos outros objetos de investigação. Entretanto, onde as necessidades de informação da política são muito elevadas, todo item de conhecimento, dentro ou fora dos limites das disciplinas sociais, pode ser relevante. Talvez necessitemos conhecer as instalações do porto de Casablanca (Marrocos), ou as atitudes dos ilhéus do Pacífico em relação aos Japoneses, ou o alcance máximo de uma peça fixa de artilharia.

Podemos usar a expressão “ciências políticas” para designar o conteúdo da orientação para a política durante qualquer período dado. As *policy-sciences* incluem (1) os métodos pelos quais se investiga o processo político, (2) os resultados do estudo da política e (3) os achados das disciplinas que produzem as contribuições mais importantes para as *intelligence needs* da época. Se tivermos que avançar em nossa compreensão científica da formação política e do processo de execução como um todo, é, evidentemente, essencial que se aplique e se aperfeiçoe os métodos pelos quais as investigações científicas sociais e psicológicas são levadas a termo. A presente publicação, portanto, enfatiza os desenvolvimentos de pesquisa que são de importância fora do comum para a compreensão da escolha humana. Se tivermos de aprimorar a racionalidade do processo político, temos que selecionar a função de inteligência para um estudo especial. Até certo ponto, a tarefa de aperfeiçoar dita função depende das técnicas mais eficazes de comunicação entre os pesquisadores, os *policy advisers* e os tomadores das decisões finais. Portanto, as *policy sciences* atingem nível avançado sempre que os métodos são afinados por informações autênticas e interpretações responsáveis que podem ser integradas ou incorporadas ao julgamento. Em certo grau, a qualidade da função de inteligência, em qualquer tempo dado, depende da previsão bem-sucedida das *policy needs*, antes que elas tenham sido, de um modo geral, reconhecidas. A predição bem-sucedida depende do cultivo de certos padrões de pensamento. Por exemplo, é importante levar em conta o contexto inteiro dos eventos, que podem ter um impacto sobre os problemas futuros da política. Portanto, deve-se manter o mundo sob foco de atenção constante. É também essencial cultivar a prática de pensar o passado e o futuro como partes de um contexto e fazer uso de “constructos de desenvolvimento” como ferramentas para explorar o fluxo dos eventos no tempo. Um exemplo para se “pensar o desenvolvimento” em escala global é ilustrado neste livro pelos capítulos que tratam das potencialidades do “estado de guarnição”, ou “estado policial”.

A expressão “ciências políticas” não é usada de um modo geral nos Estados Unidos, embora sua utilização esteja atualmente ocorrendo com mais frequência do que no passado. Talvez se devesse assinalar que não se deve considerar o termo como sinônimo de toda ou qualquer expressão que esteja atualmente em uso corrente entre os acadêmicos. Não se trata de uma outra maneira de falar sobre as “ciências sociais” enquanto um todo, nem sobre as “ciências sociais e psicológicas”. As “ciências políticas” também não se identificam com a “ciência social aplicada” ou a “ciência social e psicológica aplicada”. Como foi explicado antes, a orientação para a política dá ênfase somente a um dos muitos problemas que caem sob o escopo próprio das ciências sociais e, por outro lado, inclui os resultados das ciências naturais, psicológicas e sociais, tão somente na medida em que elas têm relação, no que concerne à informação adequada, com as *policy needs* de um determinado período.

As “ciências políticas” também não devem ser consideradas como idênticas, em geral, ao que é estudado pelos cientistas políticos (*political scientists*) – termo de uso corrente entre os professores e os escritores acadêmicos que tratam de governo. É verdade que um grupo de cientistas políticos acadêmicos identificaria o campo com o estudo do poder (no sentido da tomada de decisão). Mas, no momento, este é o ponto de vista de uma minoria. Muitas das mais valiosas contribuições para uma teoria geral da escolha (incluindo “decisões” definidas como escolhas sancionadas) foram realizadas por pessoas que não são cientistas políticos (na divisão acadêmica do trabalho). Os exemplos são abundantes e incluem a “teoria racional da escolha” (chamada “teoria dos jogos”), desenvolvida pelo matemático von Neumann e pelo economista Morgenstern. Entre os autores que contribuíram para o presente volume estão Arrow e Katona, na qualidade de economistas particularmente interessados na teoria da escolha. E não seria difícil apontar psicólogos, antropólogos e outros tantos que se especializaram em grau proficiente sobre o entendimento da escolha.

A palavra “política” (*policy*) é comumente usada para designar as escolhas mais importantes realizadas, seja na vida organizada ou na vida privada. Falamos de “política governamental”, “política empresarial” ou mesmo de “minha própria política”, em relação a investimentos e a outras matérias. Por isso, a política está livre de muitas conotações indesejáveis associadas ao adjetivo *político* (*political*) que, com muita frequência, se acredita implicar “partidarismo” ou “corrupção”.

Quando falo da “orientação para a política” nos Estados Unidos, eu estou enfatizando o que parece ser uma corrente dominante entre muitos pesquisadores e cientistas, sobretudo nas ciências sociais. A concepção de ciências políticas está surgindo para captar ou discernir intuitivamente a natureza interna dessas tendências recentes e para ajudar a esclarecer todas as suas possibilidades. O movimento não é tão somente por uma orientação para a política, com crescimento resultante nas ciências políticas, mas, mais especificamente, por ciências políticas da democracia.

A ÊNFASE NO MÉTODO

O sentido dos desenvolvimentos recentes será mais visível, se resolvemos rever as tendências entre a primeira e a segunda guerras mundiais. A primeira guerra foi um ponto crucial e decisivo na história das ciências sociais e psicológicas nos Estados Unidos. Algumas dessas disciplinas contribuíram de modo conspícuo para o prosseguimento da guerra. Outras, não. Apareceu de imediato o problema de uma explicação para a diferença. O desenvolvimento das ciências sociais, entre as guerras, em nosso país, deve ser explicado, de modo geral, em termos das respostas dadas a esta questão.

A resposta que teve mais influência foi esta: as disciplinas que possuíam métodos quantitativos foram as que cresceram mais rapidamente em prestígio, em influência. Considerese, deste ponto de vista, o caso das ciências econômicas. Os economistas foram usados extensivamente para calcular as instalações, a mão de obra e os recursos necessários para a produção de munições requeridas pelas forças armadas e para o suprimento de homens e de materiais, em todos os lugares em que fosse necessário. Os cientistas econômicos que fizeram a maior contribuição direta utilizavam matemática e estatística. Eles tinham método. E era quantitativo. Eles podiam manipular dados à luz de um sistema de postulados, leis e hipóteses gerais.

Consideremos os psicólogos. O grupo mais bem-sucedido empregava “testes de inteligência” como um meio rápido de selecionar pessoal para várias operações. Logo após a primeira guerra, os resultados ganharam enorme publicidade, quando apareceram artigos em que se fazia a notável afirmação de que a maioria do exército americano se situava “abaixo da inteligência média”. Foram muitos anos para corrigir as concepções equivocadas nos relatórios sensacionalistas elaborados na origem. É óbvio que a palavra “média” tinha sentidos inteiramente diferentes para o público leitor e para os psicométristas que criaram e aplicaram os testes. A publicidade dada à testagem e à psicologia, porém, aumentou em grande medida o interesse científico e leigo pelo assunto. Mais uma vez, o sucesso da disciplina parecia depender do emprego de métodos quantitativos. Os testes de inteligência evoluíram e foram aplicados com a ajuda de procedimentos estatísticos.

A ascensão dos economistas e dos psicométristas parecia indicar que quanto mais o cientista social se aproximasse dos métodos da ciência física tanto mais era certo que seus métodos seriam aceitos. Este ponto de vista foi enfatizado pelo acadêmico que exerceu o papel mais importante na remodelação das disciplinas sociais, Charles E. Merriam, professor de ciência política na Universidade de Chicago. O Professor Merriam tomou a iniciativa de organizar o Conselho de Pesquisa em Ciência Social (*Social Science Research Council*), que é um órgão delegado das associações acadêmicas, incluindo ciência política, ciência econômica, sociologia, psicologia e

outras ciências sociais. Merriam ressaltou a importância de romper as barreiras que separam os acadêmicos uns dos outros e de nivelar a competência metodológica em toda parte. Numa declaração típica, feita em 1925, ele escreveu, no prefácio de seu livro *New Aspects of Politics*: “Este estudo tem o propósito de ... sugerir determinadas possibilidades de abordagem a título de método, na esperança de que outros possam assumir a tarefa e, no final, através de reflexão e de experimento, introduzir uma técnica mais científica e inteligente no estudo e na prática de governo e nas atitudes populares sobre o processo de governança”¹.

Ao mesmo tempo em que foram tomadas medidas, em nível nacional, para organizar o *Social Science Research Council*, as universidades pioneiras criaram agências para a pesquisa interdisciplinar. Na Universidade de Chicago, por exemplo, o Comitê de Pesquisa da Comunidade Local (mais tarde chamado de *Social Science Research Committee*) realizou estudos de campo na cidade de Chicago. Programas conjuntos foram desenvolvidos na Universidade de Columbia e na Universidade de Harvard. Em Yale foi estabelecido um Instituto de Relações Humanas.

Os programas referidos acima foram financiados, em grande medida, pela Fundação Rockefeller e pelo Fundo Memorial Laura Spelman Rockefeller, outra agência benéfica dos Rockefellers. Um dos espíritos mais imaginativos e combativos era Beardsley Ruml que, em vários momentos, foi administrativamente ativo em ambas as fundações. Vale lembrar que Ruml era um PhD em psicologia, e bem versado em estatística, que participou, durante a guerra mundial, no programa de testagem do exército.

A visão de Merriam e de seus colegas, líderes da geração pós-guerra, torna-se explícita em muitas publicações que apareceram durante a década de 1920. O tema interdisciplinar se revelou preeminente em *A History of Political Theories: Recent Times*, um livro organizado por Merriam e pelo Prof. Harry Elmes Barnes, publicado em Nova York, em 1924. Além dos cientistas políticos que contribuíram para o simpósio, lá se encontravam os advogados (E. M. Borchard & Caleb Perry Patterson), um economista (Paul H. Douglas), um historiador (Carlton J. H. Hayes), um filósofo (Herbert W. Schneider), os sociólogos (Harry E. Barnes & Frank H. Hankins), um psicólogo social (Charles Elmer Gehlke), um antropólogo (Alexander A. Goldenweiser) e um geógrafo social (Franklin Thomas).

Evidência da ênfase sobre o método foi o Comitê sobre o Método Científico (*Committee on Scientific Method*), um comitê instituído pelo *Social Science Research Council*, que publicou, em 1931, o livro *Methods in Social Science: A Casebook*, organizado por Stuart A. Rice. O livro compreendia 52 análises metodológicas de contribuições para as ciências sociais. Os analistas incluíam autoridades de muitos campos, como Robert E. Park & William F. Ogburn (sociologia); A. L. Kroeber & Edward Sapir (antropologia); John Maurice Clark & Frank H. Knight (ciência

¹Charles E. Merriam. *New Aspects of Politics*, 1925. p. xiii.

econômica); Heinrich Klüver & Robert S. Woodworth (psicologia); Floyd Allport & Kimball Young (psicologia social); Philip Klein (serviço social); Raoul Blanchard & K. C. McMurry (geografia social); e Henri Pirenne & Sidney B. Fay (história).

Outra forma de estimular o interesse pelo método era o programa de pós-doutorado, realizado em parceria ou associação, do *Social Science Research Council*. O programa foi projetado para encorajar os jovens pesquisadores a aperfeiçoarem o seu equipamento científico pela adição de uma nova técnica à sua especialização básica.

AS CONSEQUÊNCIAS DA DEPRESSÃO E DA GUERRA

Os desenvolvimentos subsequentes precisam ser colocados em um contexto de ênfase na melhoria das ciências do ser humano, por intermédio do refinamento dos instrumentos de pesquisa. Ninguém, seriamente, duvida que o nível de excelência técnica da ciência social americana elevou-se entre a I^a e a II^a Guerra Mundial, apesar da Depressão. Quando veio a II^a Guerra, novas disciplinas já haviam evoluído o bastante para juntarem-se às especialidades mais antigas, no sentido de que fizeram sentir a sua importância.

A ciência econômica continuou a fazer grandes contribuições na mobilização da economia americana para a II^a Guerra Mundial. Em geral, se concorda que os prognósticos e planos ousados de um grupo-chave de economistas ligados ao *War Production Board* tiveram um impacto decisivo no ritmo da participação efetiva deste país. Refiro-me, particularmente, à obra de Stacy May, Simon Kuznets, Robert Nathan e seus colegas. (Kuznets era um dos colegas mais proficientes do Prof. Wesley C. Mitchell, no estudo dos ciclos de negócios, no Bureau Nacional de Pesquisa Econômica).

Os psicólogos foram muito mais numerosos e eficazes na II^a Guerra Mundial do que o foram na primeira. Além dos desenvolvimentos no teste de inteligência, houve grandes avanços, entre as guerras, na avaliação das atitudes e estrutura da personalidade. Os sociólogos e os psicólogos sociais apareceram com maior destaque na foto do que na I^a Guerra. O Prof. Samuel A. Stouffer e os seus colegas realizaram estudos sistemáticos e contínuos sobre as atitudes predominantes entre o pessoal militar, utilizando e reproduzindo procedimentos quantitativos criados entre as guerras pelo Prof. L. L. Thurstone e outros.

À luz dos sucessos alcançados, não há razão para duvidar que a ênfase no método quantitativo está amplamente justificada. Ele continuará a inspirar jovens pesquisadores ambiciosos, no campo das relações humanas. Há, porém, motivos para prever uma ênfase um tanto diferente entre os cientistas sociais, nos próximos anos. A batalha pelo método está ganha. É provável que os cientistas sociais e os psicólogos estarão suficientemente seguros de si para tomarem o método como favas contadas e darem ênfase à escolha de problemas significativos em

relação aos quais possam aplicar e desenvolver o método. Este é o ponto em que considerações de política (*policy*) entram em cena.

CONHECIMENTO PARA QUÊ?

Embora a importância do método quantitativo fosse o tema dominante na ciência social do período entre as guerras, havia muitas indicações de uma preocupação crescente com a política (*policy*). Um expoente obstinado e pioneiro da abordagem política foi o Prof. Robert S. Lind, da Universidade de Colúmbia, coautor de alguns estudos comunitários clássicos e secretário, por longo tempo, do *Social Science Research Council*. O Prof. Lind ministrou uma série de palestras na Universidade de Princeton, em 1939, sob o título “Conhecimento para quê?”, em que insistia na importância de utilizar todos os meios disponíveis de adquirir conhecimentos para enfrentar as gigantescas crises de nosso tempo.

Não se deve confundir a abordagem da política, pública ou privada, com a noção ou ideia superficial de que os cientistas sociais devem abandonar a ciência e se engajar em tempo integral na política do dia a dia (*politics*). Nem deve ela ser confundida com a sugestão de que os cientistas sociais tenham de gastar a maior parte de seu tempo aconselhando os *policy-makers* sobre questões imediatas. Embora pareça sábio e sensato que os acadêmicos devotem mais tempo a questões práticas, a ideia mais útil e profícua de uma ciência política é diferente. O ponto da questão é que todos os recursos da nossa ciência social em expansão precisam ser orientados para os conflitos básicos presentes em nossa civilização, os quais são revelados de forma muito viva pela aplicação do método quantitativo ao estudo da cultura e da personalidade. Os resultados acumulados pela pesquisa moderna – conduzida pelos sociólogos, antropólogos, psiquiatras e psicólogos – pintaram um quadro fundamental da cultura e da personalidade do povo americano.

A ESCOLHA DE PROBLEMAS FUNDAMENTAIS

A ênfase básica da abordagem político-administrativa, por conseguinte, é sobre os problemas fundamentais do ser humano em sociedade, e não sobre as questões tópicas do momento. Os esforços combinados dos pesquisadores desvendaram as raízes da tensão no seio de nossa civilização, das quais não tínhamos consciência anteriormente. As dificuldades com que nos deparamos para operar instituições econômicas e políticas são óbvias para todos. O que iludi a atenção científica e política foi o grande número de fatores humanos que impedem a resolução dessas dificuldades por meios racionais. Com base no trabalho de Freud e de outros psicopatologistas, Harry Stack Sullivan traçou em termos detalhados a importância

fundamental da autoestima para a evolução da personalidade humana. Se as crianças não forem capazes de amar a si mesmas, elas não serão capazes de amar as outras pessoas. Interferências no desenvolvimento de uma concepção saudável da individualidade levam a uma formação distorcida da personalidade. Sullivan e seus colegas descobriram que o verdadeiro campo da psiquiatria não é o organismo individual de uma maneira isolada, mas o contexto das relações interpessoais no qual o indivíduo vive. Ao estudarem as manifestações de ordem psicótica, neurótica e psicopática do desenvolvimento distorcido, esses psiquiatras descobriram como os padrões específicos da cultura deformam o pleno desenvolvimento das relações interpessoais compatíveis e produtivas. Uma vez descobertas e expostas, essas fontes de destrutividade humana podem ser mudadas. A base está lançada para uma profunda reconstrução da cultura por meio de contínuos estudos e revisões, e não (ou certamente não somente) pelos métodos tradicionais da agitação política.

No período inicial de suas carreiras, o Dr. Sullivan e alguns de seus colegas passaram a cooperar com os cientistas sociais. A atuação recíproca de psiquiatras, psicólogos da infância, antropólogos e de outros cientistas sociais lançou uma luz distintiva sobre o impacto da cultura na formação da personalidade. Entre os antropólogos, por exemplo, as contribuições de Ruth Benedict, Margaret Mead, Ralph Linton e Clyde Kluckhohn são representativas das melhores dentre elas².

O USO DE MODELOS

Não há, praticamente, aspecto da sociedade humana que não tenha sido visto em nova perspectiva, como consequência da psiquiatria moderna. É uma característica significativa desse desenvolvimento que, na medida em que se faz uma cuidadosa observação, mensuração e produção de registro, a quantificação é relegada a uma posição relativamente secundária. No estudo das relações interpessoais, a riqueza do contexto é tal que ela pode ser expressa de maneira quantitativa somente em parte. Resultados convincentes podem ser obtidos por intermédio de estudos que são apenas parcialmente expressos em números. Um exemplo excelente deste tipo de contribuição para a ciência e para a política é o relatório de Alexander Leighton sobre as relações humanas, num campo de relocação de “Japoneses”, operado pelo governo dos Estados Unidos, durante a II^a Guerra Mundial³.

²O trabalho do Dr. Sullivan é lido com grande vantagem nas páginas de *Psychiatry*, revista publicada pela William Alanson White Psychiatric Foundation, Washington, D. C., à qual Sullivan estava associado, antes de sua morte em 1949. Ruth Benedict era professora de antropologia na Universidade de Columbia, na época de sua morte em 1948. Seu livro de maior influência foi *Patterns of Culture*, 1934. Margareth Mead e Clyde Kluckhohn são também coautores do presente volume. Para uma introdução a Linton, ver Linton (org.), *The Science of Man in the World Crisis*, 1945.

³*The Governing of Man*, 1945.

O problema de envolver-se com relações complexas deu a muitos cientistas sociais um *insight* maior sobre o uso criativo de modelos no trabalho científico. Os modelos podem tomar a forma de prosa e podem ser longos ou breves. Os modelos podem assumir a forma de uma notação matemática e, nesse caso, podem estar relacionados a magnitudes que podem ou não ser medidas (o Prof. Arrow aborda a função dos modelos científicos em seu capítulo, neste livro). Os cientistas sociais e os psiquiatras sempre derivaram suas hipóteses mais úteis e produtivas de modelos algo complicados. Servem de exemplos ilustrativos as concepções adiantadas por Freud sobre os tipos oral, anal e genital de personalidade; ou os tipos de líderes e de relações de poder descritos por Weber, que se debruçou de forma extensa sobre o papel metodológico dos “tipos ideais”. Quando se pensa em termos políticos fundamentais, é importante operar com modelos cuja elaboração seja suficiente para possibilitar ao pesquisador lidar com as situações institucionais complexas.

O sentido que os modelos revistos têm para a ciência e para a política foi exemplificado de uma forma notável na década de 1930. O *New Deal* de Franklin Delano Roosevelt foi um sucesso formidável, no sentido de que uma crise econômica de proporções enormes foi resolvida por políticas que não precisaram, de longe, contar com medidas autoritárias de um estado fascista ou comunista. Este resultado foi alcançado, em parte, por causa da ajuda que o governo recebeu dos economistas, muitos dos quais haviam se libertado das doutrinas restritivas da análise econômica clássica, graças às ideias de Alvin Hansen, nos Estados Unidos, e de John Maynard Keynes, na Inglaterra. Nada havia de novo sobre a ideia geral de que o governo teria de fazer alguma coisa, se acontecesse uma crise de desemprego em massa. Mas a ideia não tinha bases racionais, na concepção que prevalecia entre os economistas sobre como funcionava o sistema de livre mercado. As depressões recorrentes haviam sido pensadas simplesmente como se fossem “fricções” dentro do sistema, e a ação do governo era justificada com relutância – quando era, afinal, pelo menos aceita – como um meio de lidar com “fricções” de aspectos diversos. A abordagem de Keynes-Hansen era realmente diferente. Em vez de descartar o prolongado desemprego em massa como resultado de fricções, Keynes e Hansen mostraram que o desemprego poderia ser consequência da própria estrutura da livre economia. Se fossem deixadas a si mesmas, as escolhas econômicas privadas poderiam perpetuar a subutilização da mão de obra, em vez de iniciar novos empreendimentos para absorver mão de obra. As implicações para a política pública eram evidentes: a intervenção do governo é essencial para eliminar o desemprego e para pôr em marcha, de novo, as forças do livre mercado.

Este foi um exemplo excepcional de resultados criativos que podem advir, não quando se realizam novas quantificações, mas quando são arquitetados novos modelos de processos

institucionais, modelos que podem conciliar observações quantitativas e não quantitativas e apontar o caminho para novas atividades empíricas, teóricas e político-administrativas⁴.

O ESCLARECIMENTO DAS METAS

A abordagem da ciência política não coloca apenas a ênfase nos problemas básicos e em modelos complexos, mas também suscita ou requer um esclarecimento algo considerável das metas de valor envolvidas na política. Afinal, em que sentido um problema é “básico”, ou é fundamental? As avaliações dependem de postulados sobre as relações humanas consideradas desejáveis. Para propósitos de análise, o termo “valor” é assumido aqui no sentido de significar “uma categoria de eventos preferidos”, como a paz, em vez de guerra, níveis elevados de emprego produtivo, em vez de desemprego em massa, a democracia, em vez de despotismo, e personalidades produtivas e compatíveis, em vez de destrutivas.

Quando o cientista é lembrado de dar atenção aos objetivos de valor, ele prontamente descobre conflitos dentro da cultura e dentro de sua própria personalidade. Sua personalidade foi moldada dentro de uma cultura de fortes contradições, tanto em nível teórico quanto prático. Em nível doutrinário, existe a demanda de se alcançar uma comunidade mundial em que a dignidade do ser humano se realize em termos teóricos e práticos. Existe igualmente a demanda contraditória de tornar o mundo um lugar seguro para o “ariano” ou a supremacia branca. Numa palavra, existem legados do mundo da casta que predominaram antes que as revoluções francesa e americana deram ímpeto à ideia da mobilidade social, com base no mérito individual.

AS CIÊNCIAS POLÍTICAS DA DEMOCRACIA

Acredito que seja seguro prever que a abordagem da ciência política irá propiciar uma série de ciências “especiais” dentro do campo das ciências sociais, da mesma forma que o desejo de curar desenvolveu uma ciência da medicina, que é distinta, mas ligada à ciência geral da biologia. Nos Estados Unidos já se pode discernir a natureza de tais ciências especiais. A tradição americana dominante afirma a dignidade do ser humano, não a superioridade de somente um conjunto de seres humanos. Por isso, deve-se prever que a ênfase será sobre o desenvolvimento de conhecimentos que dizem respeito à realização mais completa da dignidade humana. Por razões de conveniência, vamos chamá-la de desenvolvimento das “ciências políticas da democracia”. Há indicações abundantes à disposição para se dar importância a esta sugestão.

Há uma discrepância evidente entre doutrina e prática nos Estados Unidos, quando negros e outras pessoas de cor são submetidas a maus tratos. A *Carnegie Foundation* patrocinou uma

⁴Observar o título seguinte: E. Ronald Walker, *From Economic Theory to Policy*, 1943.

pesquisa de grande alcance para estudar as tendências nas relações étnicas nos Estados Unidos. O propósito era revelar o estado real dos casos, descobrir os fatores condicionantes e estimular políticas contra a discriminação. O resultado saiu na forma de livro, *An American Dilemma: The Negro Problem and modern Democracy*, que Gunnar Myrdal organizou e publicou, em 1944.

As iniciativas em favor de pesquisas orientadas para problemas têm sido tomadas não somente por fundações privadas, mas também por associações privadas de homens de negócios. O exemplo mais bem-sucedido talvez seja o *Committee for Economic Development*, que foi organizado no início da II^a Guerra Mundial, com o fim de desenvolver políticas que evitassem ou que mitigassem a depressão pós-guerra nos Estados Unidos. O programa de pesquisa foi executado por uma equipe de economistas eminentes, sob a chefia do Prof. Theodore O. Yntema, da Universidade de Chicago. Com base nos estudos publicados da equipe, os homens de negócios elaboraram sugestões de políticas para o governo e para as organizações privadas e os indivíduos. Depois da guerra, o *Committee for Economic Development* foi preservado, com o objetivo de desenvolver pesquisas e recomendações de longo alcance, para a manutenção de uma economia de livre mercado (a figura mais ilustre associada ao *Committee* é o seu iniciador e primeiro dirigente, Paul G. Hoffman).

A PERCEPÇÃO DO TEMPO

A orientação para a política carrega em si um senso agudo de tempo. O livro *An American Dilemma* é uma boa ilustração. O projeto que resultou naquele livro foi escolhido porque se reconhecia que as relações étnicas nos Estados Unidos eram de grande importância para a segurança futura do país, como também para a realização das aspirações democráticas. Na medida em que um analista se orienta por valores, ele adota ou rejeita as oportunidades de pesquisa, de acordo com a relevância delas para **todos** os seus valores implícitos nas metas, ou inicia pesquisa que contribua para essas metas.

Para o cientista não é necessário sacrificar a objetividade, na execução de um projeto. O lugar para a não-objetividade está na decisão relativa às metas finais que devem ser implementadas. Uma vez feita esta escolha, o pesquisador procede com a máxima objetividade e utiliza todos os métodos disponíveis. Além disso, não é necessário abrir mão da ideia de aperfeiçoar o método. Todos os pontos precedentes são exemplificados na pesquisa de Myrdal, visto que os dados foram coletados e interpretados com espírito crítico, e os métodos foram aperfeiçoados durante a investigação. Por exemplo, o apêndice metodológico preparado por Myrdal tem sido útil para disseminar certos padrões importantes de pensamento entre os cientistas sociais.

A ênfase no tempo não se esgota com a seleção de um projeto de orientação para a política. É somente após interessar-se por metas futuras que você vai fixar, atentamente, o seu olhar

no presente e no futuro, com vistas a descobrir o grau em que as tendências se aproximam dos valores. As tendências são extrapoladas para o futuro e a plausibilidade da extração é calculada à luz do conhecimento disponível das tendências e fatores. As linhas alternativas da política são estimadas da mesma maneira.

O ESPAÇO INCLUI O GLOBO

A perspectiva de uma ciência orientada para a política é mundial, já que os povos do mundo constituem uma comunidade. Eles afetam o destino uns dos outros. Por isso, o futuro dos objetivos básicos depende dos desenvolvimentos mundiais em seu todo.

É possível examinar as questões mundiais pelo ponto de vista da invenção, difusão e restrição de instituições sociais. Nesta perspectiva, Moscou é o centro eruptivo do padrão revolucionário mundial de nosso tempo, e uma das tarefas da análise política e da gestão é apoiar ou restringir a difusão deste padrão. Mais especificamente, um problema fundamental de nossa época é levar a termo os processos revolucionários de nosso período histórico ao menor custo humano. Ao menos este é um problema de todos os que acreditam na dignidade do ser humano e, portanto, esperam manter a coerção em nível mínimo.

CONSTRUCTOS PARA O DESENVOLVIMENTO: A REVOLUÇÃO MUNDIAL DE NOSSO TEMPO

As ciências políticas da democracia, preocupadas como são com os eventos em escala global de nosso período histórico, devem prosseguir com a criação de hipóteses que envolvam o mundo todo. Os modelos especulativos das principais mudanças sociais em nossa época podem ser chamados “constructos projetivos de desenvolvimento”. Eles especificam o modelo institucional *do qual* estamos nos afastando e o modelo *em cuja direção* estamos nos encaminhando.

Falando em termos estritos, os constructos para o desenvolvimento não são hipóteses científicas, já que não formulam proposições sobre interdependência de fatores. O constructo de desenvolvimento refere-se somente à sucessão de eventos, tanto futuros como passados. Deve-se observar que muitas hipóteses sobre o futuro pretendem ter validade científica, como, por exemplo, a concepção marxista de que está emergindo uma sociedade sem classes. Entretanto, não se pode aceitar qualquer protesto ou reivindicação de “inevitabilidade”. Eventos futuros não são cognoscíveis, com absoluta certeza, antecipadamente; eles são parcialmente prováveis e em parte fortuitos. Os constructos de desenvolvimento são auxílios na tarefa total de esclarecer metas, observar tendências e calcular possibilidades futuras.

Não está dentro do escopo deste capítulo apresentar em detalhe hipóteses de desenvolvimento sobre a revolução mundial de nosso tempo. Incidentalmente, porém, é tentador observar que é necessário fazer uma distinção entre o padrão do *centro eruptivo de um movimento revolucionário mundial* e o padrão da *revolução mundial de uma época*. Aqueles que tomaram o poder em Paris, em 1789 (e, imediatamente, daí em diante), tornaram-se, sem dúvida, a elite do centro eruptivo daquele período. Mas o padrão que prevaleceu naquele tempo e lugar não foi idêntico ao padrão revolucionário da época histórica como um todo, embora elementos comuns estivessem presentes. É evidente que a elite de 1917, em Moscou, pode ser chamada a elite do centro eruptivo de nosso *tempo*, mas é muito duvidoso que o padrão então reinante em Moscou tenha muitos elementos idênticos ao padrão revolucionário de nossa *época*. De fato, uma das tarefas principais das ciências políticas de nossos dias é seguir em detalhe os processos de inovação, difusão e restrição sociais em toda parte do globo, com o propósito de avaliar o significado de eventos específicos⁵.

O FOCO NO PROBLEMA

Traço adicional da orientação para a política é a importância atribuída ao ato da imaginação criativa que introduz no processo histórico uma política nova e bem-sucedida. Ideias bem-sucedidas não podem ser garantidas antecipadamente. Mas a atitude ante o problema pode ser cultivada, o que aumenta a probabilidade de que o ser pensante atue como parceiro de uma proposta política historicamente viável. Hoje, a crise sem fim que provém da expectativa de violência (seja de guerra ou de revolução) exige a mais elevada engenhosidade na idealização de políticas capazes de reduzir o custo de traduzir para fruição prática as aspirações de uma ciência política de orientação democrática. Esta não é somente uma questão de aperfeiçoar a Organização das Nações Unidas (ONU) e outras agências oficiais. É igualmente uma questão de introduzir uma corrente de transformações de efeitos benéficos e reparadores, onde quer que se promovam políticas, públicas ou privadas.

A CONSTRUÇÃO DE INSTITUIÇÕES

O cientista político (*policy scientist*) está muito mais interessado na avaliação e na reconstrução de práticas da sociedade que no raciocínio privado sobre abstrações mais elevadas

⁵Posso permitir-me fazer referência a meus próprios escritos, em que desenvolvi algumas dessas distinções. A exposição mais antiga está em *World Politics and Personal Insecurity*, 1935. Ela é mais acessível em *The Analysis of Political Behaviour: An Empirical Approach*, publicado no ano de 1948, na “International Library of Sociology and Reconstruction” e organizado por Karl Mannheim. Ver, em particular, Parte II. O meu constructo para o desenvolvimento (*development construct*) do “estado policial” foi reimpresso no livro *The Analysis of Political Behaviour*.

das quais deriva seus valores. Esta escolha traz consigo a redução de ênfase de muitas coisas da bagagem tradicional da metafísica e da teologia. Um exemplo do que se pode esperar é o trabalho de John Dewey e de outros filósofos americanos do pragmatismo, que de uma forma rápida se voltaram para considerar instituições sociais (Dewey, por exemplo, lançou um movimento de escola experimental). Essa propensão do cientista político tem sido antecipada pelo positivismo lógico de Rudolf Carnap e seus colegas, embora Carnap não tenha, pessoalmente, extraído as implicações. Algumas implicações são razoavelmente evidentes, entretanto. Se os termos pretendem designar eventos, eles não têm referência estável antes que sejam expressos em indicadores ou em “índices operacionais”. Os índices são operacionais quando podem ser aplicados por um observador que possui competência, equipamento e intenções descritivas, e que ocupe um posto de observação em relação a um campo de eventos a serem descritos. O posto observacional é o procedimento usado para entrar numa situação com o objetivo de coletar dados (“fazer protocolo”)⁶.

Os termos-chave empregados nas ciências políticas se referem a sentidos, e os contextos de sentido são mutáveis. Isso significa que os índices operacionais escolhidos para palavras-chave, nas ciências sociais, são menos estáveis do que os índices usados em geral pelos cientistas físicos para descrever os eventos com os quais se ocupam. É por isso que nos referimos a uma “instabilidade de índice” dos termos, nas ciências da política.

Visto que os índices operacionais são instáveis, é necessário providenciar pesquisas constantes, para manter os índices operacionais calibrados em termos corretos. As características observáveis de certos grupos de classe, por exemplo, mudam ao longo do tempo, e torna-se, por conseguinte, necessário especificar as características que são essenciais à identificação, para fins descritivos, do membro de uma determinada classe.

As considerações técnicas, que acabaram de ser esboçadas em linhas gerais, reforçam outros incentivos que induzem os cientistas sociais e os psicólogos a aprimorarem instituições para a auto-observação do ser humano em sociedade. Uma das sugestões mais criativas que têm sido feitas pela e para a Unesco, por exemplo, é o estabelecimento de uma pesquisa contínua da tensão internacional. Atividades desse tipo são essenciais, se tivermos de esclarecer as metas, tendências, fatores e alternativas apropriadas para as ciências políticas da democracia.

As operações internacionais para coleta e apuração de opiniões (*polling*) que existem hoje são passos importantes no sentido de providenciar mais informações significativas do que tivemos no passado sobre os pensamentos e os sentimentos da humanidade.

Intimamente associado ao estabelecimento de instituições abrangentes de auto-observação está o uso de procedimentos de pré-teste para ajudar na avaliação de alternativas de políticas.

⁶Além de Carnap e sua escola, Alfred Korzybski era lido em larga escala. Ver seu *Science and Sanity*, 1933.

No mundo dos negócios, os pré-testes têm sido levados a um grau elevado de perfeição técnica. Variações de menor importância, nos ingredientes de novos produtos ou nas mudanças de embalagem, são testadas em alguns poucos lugares afeitos a divulgar amostras (no sentido estatístico) sobre as possíveis reações do consumidor. As políticas de recursos humanos são, por vezes, pré-testadas em umas poucas fábricas, antes de serem adotadas em todas as fábricas controladas por uma corporação. A pré-testagem sistemática pode ser aplicada, a partir do mercado, a muitas outras situações na sociedade.

OS CIENTISTAS SOCIAIS NÃO SÃO OS ÚNICOS A CONTRIBUÍREM PARA AS CIÊNCIAS DA POLÍTICA

Da concepção de uma ciência política, que começou a se manifestar nos Estados Unidos, decorre uma consciência mais explícita do fato de que os cientistas sociais não são os únicos estudiosos que contribuem para as ciências da política. É verdade que os especialistas em teoria social e psicologia aperfeiçoarão a análise básica do processo em si de formação da política. Mas existe um certo reconhecimento do fato de que as pessoas que têm experiência em *policy-making* ativa podem fazer contribuições maiores para a análise básica do que os *experts* acadêmicos têm admitido. Os homens de negócio muitas vezes se observam e observam as outras pessoas, nos negócios, no governo e em instituições similares – com uma grande curiosidade e objetividade intelectual. Alguns desses participantes ativos chegam a desenvolver ou derivar teorias do processo, que merecem crítica cuidadosa à luz, não somente da opinião do *expert*, mas também da pesquisa dos fatos. Os homens de ação, usualmente, não dispõem de incentivos para escrever livros ou artigos técnicos em que possam sistematizar as suas teorias e confrontá-las com os dados disponíveis⁷. Para o especialista acadêmico, porém, é imensamente proveitoso tomar algumas dessas ideias e dar a elas a necessária sistematização e fazer a sua avaliação.

Com o objetivo de aproximar o acadêmico e o *policy-maker* prático em uma associação profícua, são necessárias novas instituições (ou, mais precisamente, são necessárias modificações nas instituições existentes). O seminário já é utilizado para esse fim em muitas instituições de ensino superior, como na *Graduate School of Business* e na *Littauer School* (que tem foco em governo) da Universidade de Harvard. Muitas organizações nacionais de administradores públicos mantêm seus QGs administrativos perto da Universidade de Chicago, um arranjo para fomentar o contato entre o corpo docente da universidade e os membros do estafe dessas organizações.

⁷Chester Barnard é uma exceção a esta afirmação. Enquanto executivo empresarial ativo, ele publicou seu livro muito bem recebido pelo público *The Functions of the Executive*, em 1938. Barnard ocupa, atualmente (1951), a função de presidente da Fundação Rockefeller. O Comitê sobre os Casos de Administração Pública (*Social Science Research Council*) desenvolveu de forma gradual estudos de caso sobre a formação em políticas, públicas ou privadas, examinando registros escritos e entrevistando participantes.

Por causa do crescimento rápido da administração pública como profissão treinada, nos Estados Unidos, fica fácil a interação entre os intelectuais formados na universidade e os funcionários (e líderes) públicos. Até recentemente, as escolas de direito do país estavam inteiramente entregues à concepção mais estritamente imaginável de treinamento profissional. O currículo consistia na memorização e na discussão das decisões (e das opiniões corroborativas) dos tribunais de apelação. Em tempos recentes, houve uma ampliação do currículo, com o intuito de incluir informações factuais sobre as consequências das doutrinas e procedimentos legais. A Escola de Direito da Universidade de Yale foi pioneira nessa mudança, ainda que tenha sido forçada a contratar cientistas sociais para integrar o seu corpo docente.

A abordagem da ciência das políticas tem a implicação adicional de incluir ou de incorporar, além do conhecimento sobre o próprio processo da *policy-making*, a agregação e a avaliação do conhecimento – de qualquer fonte – que pareça ter significado importante para os principais problemas políticos do tempo. Em nossos dias, por exemplo, o conhecimento sobre a forma atômica e outras formas de energia que está em posse dos físicos e de outros cientistas naturais tem uma importância enorme e óbvia para a segurança mundial. É necessário que haja intercâmbio criativo entre os físicos, os cientistas sociais e os homens de ação⁸. O cultivo da prática voltada para gerar e facilitar a cooperação entre “equipes interdisciplinares” está entre as tarefas principais de uma ciência da política em desenvolvimento.

Harold D. Lasswell

(Donnellson, Illinois, 13 de fevereiro de 1902 – 18 de dezembro de 1978), foi um sociólogo, cientista político e teórico da comunicação estadunidense. É considerado um dos fundadores da psicologia política”. Também é considerado o fundador da área disciplinas das Políticas Públicas.

Tradução:

Francisco Gabriel Heidemann

Doutor em Administração Pública pela University of Southern California (USC). Professor aposentado de Administração Pública da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

⁸De acordo com esta orientação, os sucessos e fracassos são muitas vezes anotados em *The Bulletin of Atomic Scientists*, publicado em Chicago.